

Ponte da Misarella — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

Esta altissima ponte sobre o Regavão, affluente do Cávado, deve pouco á arte e muito á natureza; por isso o povo ingenuo crê que fôra obra do diabo, porque assim o engana a seguinte lenda:

Um malfeitor das terras de além Douro, perseguido pela justiça, embrenhára-se pelas serras de Traz-os-Montes, até que um dia fôra parar á beira de uma torrente caudal, e pavorosa pelo fragor das aguas que dos penedos se precipitava. Para se livrar da forca, offereceu a alma a Satanaz se elle lhe fizesse transpor aquelle abysmo. O diabo acceitou o pacto, e lançou-lhe uma ponte sobre a torrente. Mas, apenas o salteador passára, a ponte desappareceu. Á hora da morte confessou isto a um sacerdote, o qual teve a astucia de lograr o demonio, já que era tão bom engenheiro. E foi assim:

Disfarçou-se em salteador, foi ao mesmo sitio, e fez egual proposta ao diabo, que a acceitou logo. Reappareceu a ponte; passou-a o padre; mas tanto que se viu do outro lado, puxa de um ramo de alecrim, molha-o na caldeirinha de agua benta que levava escondida, aspergiu a ponte, fazendo o signal da cruz e os exorcismos da egreja. O diabo perdeu logo o seu poder, e dando um estoiro medonho, fugiu espavorido, deixando o ar toldado de fumo negro e ascoroso.

A ponte ficou alli desde então; mas, com ser obra *sobrenatural,* e de tão habil engenheiro, não saiu

tão segura que já não tenha sido renovada por vezes.

Um nosso assignante de Montalegre, a quem pedimos noticias sobre esta tão celebrada ponte, dignou-se remetter-nos o seguinte artigo.

«A pittoresca e celebrada ponte da Misarella está lançada sobre o Regavão, a distancia de 500 metros da sua confluencia no Cávado, na estrada que guia de Braga para Montalegre por Salamonde; é formada de um só arco, com guardas [1], e de bastante altura; a reconstrucção da actual data do principio d'este seculo. O ruidoso estampido das aguas, precipitando-se em repetidas catadupas, e formando debaixo da ponte uma profunda caldeira; um horisonte sombrio e apertado pelas montanhas circumjacentes, que se elevam em escalões de bravas penedias, irrompendo de permeio alguns annosos castanheiros, uma ou outra oliveira, e raras videiras; o Gerez, que a mui curta distancia ao poente ostenta parte da sua selvatica magestade, dão a este sitio um ar pittoresco, e de melancolica solidão, e á ponte uma celebridade que não tem as outras do norte do reino, embora mais antigas, de maiores dimensões e de mais notavel architectura.

N'esta ponte soffreu o exercito francez, quando em 1810 se retirava para a Hespanha diante do anglo-luso, uma debil resistencia de ordenanças do concelho de Montalegre, e algumas outras forças. É opinião dos entendidos, que se esta e outras pontes fossem cortadas n'aquella occasião, a perda dos francezes seria quasi certa [2]. Em 1827 houve alli tambem um pequeno encontro entre as tropas realistas do general Silveira, e as constitucionaes do commando do coronel Zagallo.

O Regavão serve agora, n'este ponto, de divisão entre as duas provincias, Minho e Traz-os-Montes, tendo-se annexado ao concelho de Vieira, pertencente á primeira, a antiga villa de Ruivães, e a visinha parochia de Campos.»

CHRONICAS DO POVO

II

O SERVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

I

Era n'uma pobre choupana coberta de colmo musgoso, com uma janella sem vidraças, com as paredes rachadas e abertas a deixarem entrar a chuva e o vento. Ao fundo estavam algumas cabras deitadas n'uma cama de palhoça velha, e uma vacca estransilhada, junto d'ellas, puxava com muito custo da grade da mangedoura uns restos de feno coriaceo e misturado com juncos.

Toda a mobilia da cabana consistia n'alguns escabellos, n'uma mesa mal aplainada, e n'uma grade de verga em cima de quatro fueiros, e com alguma palha nova em cima; vinha a ser a cama unica de casa.

Estava deitado n'esta especie de berço, um velho de cabellos brancos, que tinha os olhos fechados, mas era facil reconhecer-se pela respiração entrecortada, pelo ligeiro tremor dos labios, que o prendia á cama a doença e não o somno. Um rapazinho de uns dezeseis annos, proximamente, sentado junto da lareira ia entretendo o fogo a uma caldeira de ferro.

Acabava elle de destapar a caldeira para d'antemão saborear o cheiro que exhalava, quando uma rapariga da mesma edade, proximamente, entrou na choupana, trazendo um pedaço de manteiga embrulhada n'um retalho de panno coçado.

— Bons dias, João, disse ella devagarinho e dirigindo os olhos para a cama, como se receasse acordar o doente.

O João voltou-se vivamente ouvindo esta voz conhecida; um lampejo d'alegria interrompeu a expressão habitual de descontentamento da sua physionomia.

— Bons dias, Catharininha, retrocou elle com um tom meigo e carinhoso, dando um passo para a rapariga.

— Como está o pae? — perguntou ella.

João abanou a cabeça.

— Sempre muito fraco. Esta doença deu-lhe um abalo muito forte. É preciso muito cuidado n'elle para que recupere a saude.

— Trago-lhe este presente, João, tornou Catharina desembrulhando o panno em que trazia a manteiga.

João sorriu-se.

— Obrigado, Catharinita, obrigado; terá o bom velho hoje um grande banquete. Já por ahi ha com que recupere as forças.

— O que vem a ser?

— Vê lá.

Destapou a marmita que estava pendurada na chaminé. A rapariga aproximou a cabeça soprando o fumo para ver melhor.

— Uma gallinha com caldo! — exclamou admirada.

— Foi o recebedor que m'a deu, por lhe ter ensinado a fazer as contas em latim.

— Ora graças a Deus, disse Chatharina rindo-se. Tambem tanto tem tirado aos que vem á cidade, que está mestre Thiago o burguez mais rico da terra, e por conseguinte póde pagar as lições que recebe, tão caras como se fosse algum senhor. E o pae sabe da festa?

— Estava a dormir quando vim para casa.

— Vamos então a arranjar isto tudo para quando acordar; tenho alli umas nozes e umas cerejas, que podem servir de sobremesa.

Assim fallando, Catharina ia despejando na mesa o seu cesto de vime. João abriu um armario, tirou para fóra escudellas, pratos, colheres, e copos de pau; depois começaram ambos a pôr a mesa.

A affeição singular, que parecia unir estas duas crianças, era tanto mais notavel, quanto mais extraordinaria opposição se dava na natureza de ambos. Catharina era alta e bem feita, as suas feições tinham uma doçura elegante, os seus movimentos uma flexibilidade graciosa. Bastava vêl-a para lhe querer bem, e o sorriso benevolo, que lhe entreabria constantemente os labios, obrigava a corresponder-lhe com sorriso egual. João, pelo contrario, era de estatura baixa, grossa e desastrada, as feições melancolicas mais tristes pareciam ainda, porque mal resaíam de uma cabelleira cuja côr, já de familia, valêra a um de seus antepassados a alcunha, depois appellido, de *Ruivo*. Tendo nascido filho de servo, e sempre reprimido, desde que começára a sentir, na vontade e nos sentimentos, o seu ar tinha não sei que expressão de constrangimento, de infelicidade e de rebellião, que lhe dava uns quês de repellente. A seu pae unicamente, ou a sua prima Catharina, se mostrava sujeito. Nada lhe custava por amor d'elles. O lobo fazia-se cordeiro, a sua fealdade mesmo ganhava então uma certa graça.

E realmente para João resumia-se o mundo n'estes

---

[1] No Almanach de Lembranças para o anno de 1862, a pag. 142 e 143, se lê um artigo contendo uma lenda sobre esta celebre ponte, e no fim se affirma ser ella estreita e *sem guardas*, em um sitio *despido de vegetação*. Em quanto a não ter guardas ha inexactidão, e a respeito da vegetação exaggerou-se tambem alguma coisa, como póde testimunhar quem frequenta esta estrada.

[2] L'armée de Soult se trouvait dans la position la plus critique, elle aurait été reduit a poser les armes, si recontrait les ponts sur le Cávado rompus, elle aurait été forcée de se remplir sur la route de Chaves.

Aperçu nouvell. sur les camp. pag. 136.

dois amores. Em seu pae toda a sua familia, e em Catharina todo o seu futuro, porque devia casar com ella um dia, e só lhe faltava o consentimento do senhor, que não costumava negal-o a similhantes pedidos.

Tinham acabado as duas crianças de pôr a mesa, a gallinha estava prompta: o convalescente fez um movimento, e a rapariga soltou uma exclamação de alegria.

— És tu, pequena, disse o velho levantando-se com difficuldade sobre o cotovelo, não andas hoje guardando as vaccas de sua eminencia?

— Como o rei anda caçando na floresta, não se deitou hoje o gado ao pasto por causa das matilhas, respondeu-lhe a joven camponeza.

— O rei! repetiu o velho servo, e não foste vêl-o passar, João?

— Meu pae tinha precisão da minha companhia, respondeu este, e por isso fiquei.

— Entretanto não perdeu o tempo, acrescentou Catharina, ora veja.

O velho Thomaz Ruivo voltou-se.

— Pois que! Já está a mesa posta? exclamou admirado!

— E tem um caldo excellente, disse-lhe a rapariguinha.

— E manteiga, continuou João.

— E cerejas, disse o velho, que já estava sentado na cama.

— Vamos, vamos, é o banquete da convalescença, tornou Catharina batendo as palmas alegremente; venha sentar-se á mesa com João, que eu aqui estou para os servir.

Correu á lareira e agarrou na marmita, que vasou n'um prato de pau, que trouxe fumegando para a mesa. Thomaz entretanto deitára para os pés as pelles de cabra com que se cobria, ficára sentado na cama seguindo com os olhos estes preparativos todos, com o olhar e sorriso faminto de convalescente: ia finalmente levantar-se e chegar-se para a mesa, quando um grande ruido se fez ouvir fóra. João correu á porta; mas esta abriu-se rudemente antes que o rapaz tivesse tempo de o impedir, e meia duzia de moços de matilha, trazendo bordadas no peito as armas do rei, entraram pela porta dentro.

Vinham todos fazendo grande algazarra e procurando a casa do guarda da floresta; mas quando viram a mesa posta, e lhe chegou o cheiro do caldo, que se sentia em toda a casa, soltaram exclamações de satisfação.

— Pelo sangue de Christo! — bradou o mais edoso, enrolando na cintura o chicote que trazia na mão, já não precisâmos ir á casa do guarda, temos por aqui com que entreter a fome até á noite.

— Assim Deus me salve como é uma gallinha com caldo, acrescentou um trigueirão, com ares esfaimados, cujas ventas afagadas pelo cheiro do guizado se dilataram com delicia: quero a aza direita para mim.

— E eu quero a aza esquerda, tornou vivamente um loirito, que se apossára já do melhor escanho.

— E eu as pernas, disse o velho.

— E eu o esqueleto, ajuntou outro.

— Devagar, mestres, devagar, disse interrompendo-os o João, cuja physionomia readquirira já aquella expressão carrancuda e resingueira, que lhe conhecemos: estamos aqui uns tres, que tambem querem ter o seu quinhão.

— Póde ser, replicou o rapaz, mas como é costume serem os donos que comam primeiro, e como isto é nosso...

— É que te não lembra que somos da comitiva del-rei, e por isso temos direito de te tirar a escudella da mão, o copo da boca, e o logar da cama.

— Será possivel! exclamou João.

— Desgraçadamente é, murmurou Thomaz com um suspiro; é o direito de preza, como elles lhe chamam.

— E nem sequer póde meu pae tomar parte n'esta refeição, que eu tinha preparado para elle? — continuou perguntando o rapaz.

— Se o velho tem algum privilegio que o auctorise a reservar o seu quinhão... disse o loirito.

— Não tenho privilegio nenhum; só posso comer o que me quizerem deixar, disse Thomaz com a submissão humilde dos doentes e dos velhos.

— Deixar-te, exclamou o moço que já tomára a palavra, era preciso que fosse grande melgueira; não vês que isso que ahi está nem nos chega para a cova de um dente?

— Mas meu pae tem tido uma doença muito perigosa, disse João com impaciencia.

— Não póde ser mais perigosa do que a fome.

— Deixem-lhe um logar ao menos na extremidade da mesa.

— A mesa é muito pequena, tornou-lhe brutalmente o trigueirão.

— E d'ahi, ajuntou o loirinho, como a gallinha havia de ter gallo, façam-lhe o caldo com elle.

João cerrou os punhos, injectaram-se-lhe os olhos, mas Catharina descançou-lhe a mão no hombro.

— Os criados do rei são senhores em toda a parte, repetiu-lhe a meia voz; não te esqueças.

João abaixou a cabeça, abafando um suspiro.

Thomaz Ruivo, pela sua parte, acceitára esta decepção com a silenciosa paciencia de um homem que já está costumado a coisas similhantes. Era comtudo bem facil de perceber, que a privação da comida delicada, com que contára havia instantes, ainda lhe custava muito; os olhos do pobre velho seguiam os movimentos todos dos moços dos cães, com expressão tal, que denotava desejo, medo e inveja. Acompanhava com manifesta magoa todos os bocados que elles mettiam na boca, e mexia machinalmente os beiços como se na realidade estivesse comendo. Duas vezes até se abaixou para apanhar ás escondidas os ossos meio roídos, que deitavam para o chão. O filho, que deu por similhante coisa, sentiu que as palpebras se lhe arrasavam de lagrimas, e saiu precipitadamente.

Entrou só passado uma hora com um feixe de lenha, que atirou para um canto. Os moços já tinham partido, e Catharina havia já arrumado tudo. Estava-se preparando para se despedir de Thomaz, porque a noite se aproximava, quando João lhe propoz acompanhal-a até á saída do matto. A rapariga acceitou, e iam a sair, quando nova turba se apresentou á porta da cabana.

D'esta vez eram criados de Raul de Maillé, que vinham cumprir as ordens de seu senhor; mestre Moreau, o intendente, vinha á frente d'elles trazendo na mão uma vara negra com castão de prata.

— Onde está Thomaz o Ruivo, perguntou ao rapaz, que tirára o gorro na sua presença.

— Além, respondeu João.

— E por que tem faltado ao pagamento das contribuições d'este mez?

— Porque a febre o não tem deixado levantar da cama.

— Bem sei, retrucou-lhe o intendente; mas tu devias pagar por elle, conforme as ordens que te dei.

— Mas bem sabe, que era absolutamente impossivel, conforme lhe respondi.

— Porque?

— Porque me não tenho podido afastar de ao pé da cama de meu pae.

O intendente fez-se vermelho de colera.

— Muito bem, disse elle; pelo que vejo ficaste aqui por teima, quizeste provar que podias escarnecer das ordens de mestre Moreau.

— Por maneira alguma, interrompeu João.

— Bom, bom, continuou o intendente, batendo no chão com a vara, veremos quem ganha na teima. Tu queres resistir ás ordens de sua mercê.

— Nunca pensei em similhante coisa, respondeu o rapaz.

— Recusas obedecer ao que eu exijo?

— Mas repare...

— Nada, nada, não quero reparar em coisa nenhuma. Bem razão tinha o guarda da floresta em te considerar como um malandrino sem caminho possivel; é preciso porém que os interesses de sua mercê não padeçam com as teimas dos seus servos. Has de pagar todas as contribuições que deves, e as competentes multas ainda por cima.

João encolheu os hombros.

— Todos os fiscaes d'estas terras reunidos não são capazes de encontrar em nossa casa a mais insignificante moeda.

— Pois eu serei mais habilidoso do que os fiscaes. Eu encontrarei, tornou-lhe o intendente.

— Póde vasculhar-me a escarcella, mestre Moreau, disse o rapaz abrindo uma algibeira de coiro, que trazia pendurada á cinta.

— Não vasculharei a escarcella, mas procurarei na casa.

— Tambem encontro uma vacca, posto que esteja bem magra, disse o intendente, fazendo signal a um dos que o seguiam para que desprendesse o animal da mangedoura.

João estremeceu.

— Que faz? exclamou elle.

— Estou vasculhando-te a escarcella, conforme me disseste, respondeu-lhe ironicamente mestre Moreau.

— Em nome de Deus, disse-lhe João, não me levem a vacca.

— E por que não?

— Porque os *tardios* cortaram-nos o centeio ainda em verde, os lobos comeram-nos as cabras, não temos senão esta vacca, se nol-a tiram, ficâmos, meu pae e eu, na ultima penuria.

— Não digas similhante coisa, redarguiu-lhe o intendente, um sabio da tua laia nunca deixa de fazer fortuna; não disseste o outro dia ao recebedor, que eu fazia as contas em latim barbaro?

— Pois que, tornou-lhe João, não se póde dizer a verdade?

— De certo que póde; mas barbaro ou não barbaro, vê lá se o entendes. Cá vae na lista do confisco: — *Item vacca Thomasii cognomine Rubri.*

E voltando-se para os que o acompanhavam, acrescentou:

— Levem d'ahi essa rez.

— Estes quizeram obedecer, João porém susteve a vacca.

— Isto não póde ser, mestre Moreau, disse-lhe elle com uma voz que a commoção e a colera tornavam trémula; as contribuições que devemos não chegam ao preço d'esta vacca; quero fallar a sua mercê, quero que saiba como vos vingaes em nós dos vossos barbarismos.

— Barbarismos! articulou Moreau desesperado.

— Tenho alli as provas dos vossos recibos ultimos, retorquiu-lhe João com ironia irritada.

— Mentes, disse-lhe o intendente, cujo lado fraco eram exactamente as pretenções á linguagem ciceronica.

— Quereis que os mostre ao capellão? *mentoris impudenter.*

— Querieis dizer *mentiris*, mestre.

O intendente fez-se rubro, e os moços olharam uns para os outros sorrindo-se.

— Má peste dê no rustico que pretende ensinar as pessoas de mais respeito, exclamou Moreau; não sei para que o velho cura lhe havia de ensinar tanta coisa; um servo devia saber unicamente guiar uma charrua; mas basta de tempo perdido, andem lá com a vacca para fóra.

— É preciso que sua mercê o determine, disse-lhe João, não largando um dos chavelhos do animal.

— Largas a vacca, miseravel?

— Quando lhe largarem a corda, então fallaremos.

O intendente levantou a vara negra, que foi caír na cabeça encabellada do rapaz; mas este não deu tempo a que o intendente lhe atirasse segunda pancada; deitando-se a elle, segurou-o pela garganta, e soltando uma especie de rugido, metteu-o debaixo dos pés.

Felizmente os circumstantes intervieram, afastaram com muita difficuldade o rapaz, que estava fóra de si, e levantaram o intendente.

A quéda tinha-o aturdido de tal maneira, que por um pouco de tempo se conservou como o embriagado que vae despertando; porém, assim que póde tomar conta em si, teve novo accesso de furor.

— Prendam esse assassino, gritou apontando para João; ultrajou um official do senhor conde, ha de ser julgado, julgado e enforcado. Respondem-me todos por elle.

Os moços agarraram o pobre João, que debalde procurou resistir, ligaram-lhe as mãos atraz das costas, e metteram-lhe na boca um cabo de chicote servindo de mordaça.

— Levem-n'o para o castello, continuou mestre Moreau; o senhor conde deve chegar ámanhã, e decidirá então que destino lhe devemos dar. Com que então resistes ao intendente do castello? com que então persuades-te de que sabes latim melhor do que elle? atreves-te a levantar a mão para um teu superior? pois bem, veremos o que te acontece.

E repellindo o velho Thomaz e Catharina, que o seguiam supplicantes:

— Deixem-me, deixem-me, não ha perdão possivel para crimes d'esta ordem; forca, forca com similhante maldito, e oxalá que vá por uma vez parar para casa de todos os demonios.

(Continúa)

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 334)

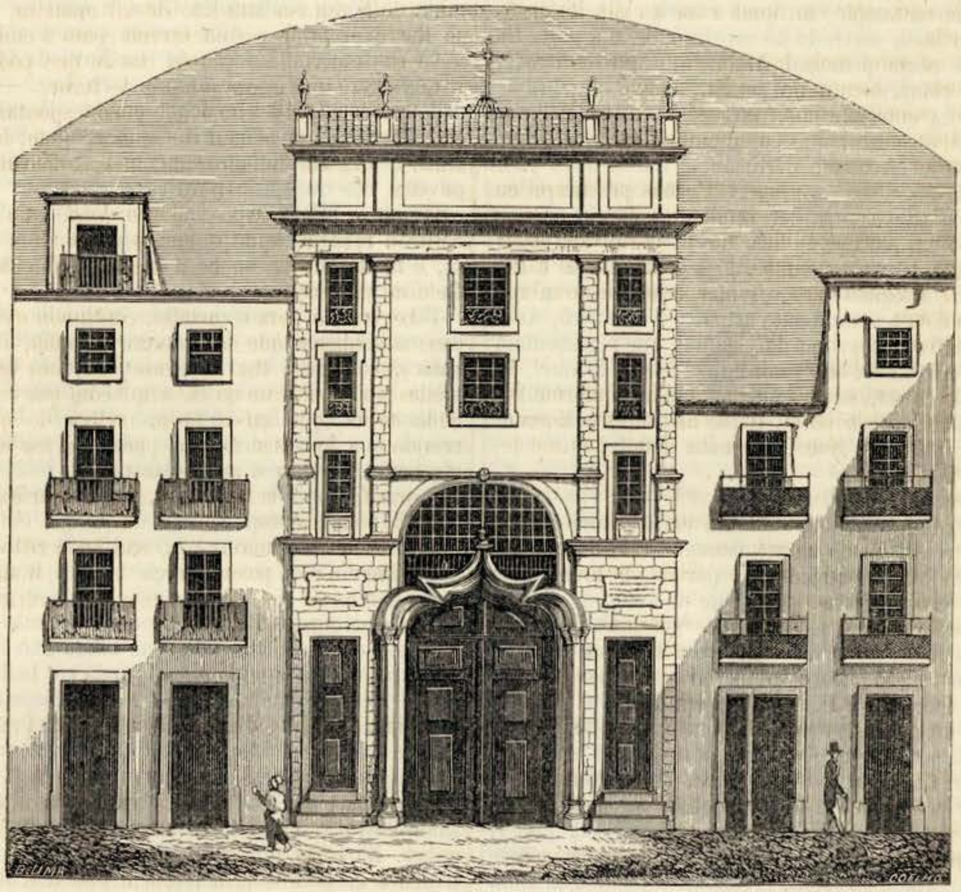
MONUMENTO DE D. DINIZ. — Sobre um oiteiro proximo do convento de Odivellas, por cujo dorso se estende a povoação d'este nome, ergue-se um arco de pedra de architectura gothica. Chamam-lhe geralmente *monumento de D. Diniz*, porque antiga tradição popular refere, que ahi pousaram o corpo d'esse soberano quando o conduziram para o seu jazigo no visinho mosteiro, fundação sua. Sendo a tradição verdadeira, deve o arco ser obra del-rei D. Affonso IV. Entretanto o chronista fr. Francisco Brandão, descrevendo o enterro del-rei D. Diniz, acrescenta o seguinte: *Alguns querem dizer que aonde agora está um arco de pedraria, parou a liteira e se fizeram as costumadas ceremonias; mas aquelle arco, que responde a outro que está á saída de Lisboa para aquella parte, no campo da forca, se pozeram por descançar n'aquelles logares o feretro de D. João* I, *quando de Lisboa veiu trasladado ao seu jazigo real do convento da Batalha, como se dirá a seu tempo.*

Já não existe o outro arco mencionado por Brandão, e o de Odivellas tem com effeito um distinctivo, que auctorisa a opinião d'este chronista. É a cruz floreteada da ordem de Aviz, da qual foi mestre D. João I, que serve de remate ao dito arco. Todavia, não temos essa opinião por bastantemente fundamentada, antes pelo contrario occorrem muitas considera-

ções de algum peso á vista do proprio monumento, que fazem suppor verdadeira a tradição. Preferimos, porém, collocal-o entre as antiguidades da dynastia de Aviz, por não ser este roteiro logar proprio para controversias archeologicas.

Consiste o monumento em um arco ogival de cantaria, tendo no fecho o brasão das armas reaes, composto do escudo das quinas, e de treze castellos em volta. O centro do arco até meia altura é occupado por tres pequenos arcos, sustentados por oito columnas, ao modo de mesa, ou eça. A architectura d'estes arcos, meio gothica, meio arabe, denunciam origem muito anterior a D. João I, em cujo reinado a architectura gothica chegou entre nós á sua maior perfeição e pureza. Mostra este monumento ter sido concertado em diversas epochas, e talvez lhe acrescentassem então alguma peça de novo, como por exemplo a cruz floreteada, que o coroa. Não tem inscripção alguma antiga: apenas se vê gravado junto da base, na frente voltada para o lado de Lisboa, o seguinte letreiro: 1721 *R. T. F.* que, provavelmente, commemora a ultima reforma do arco.

Convento de S. Domingos de Bemfica. Fundou-o el-rei D. João I no anno de 1399, a instancias do seu chanceller-mór, e privado, João das Regras, em um paço e quinta que os nossos reis alli possuiam desde o reinado de D. Diniz. O terremoto de 1755 arruinou o convento e o templo, sendo logo depois



Collegio dos Meninos Orphãos

reconstruidos. Conservam-se algumas memorias antigas na egreja e na cerca, entre ellas, o mausoleo de João das Regras. [1]

Mosteiro de Nossa Senhora de Belem. — No dia 6 de Janeiro de 1500 lançou el-rei D. Manuel a primeira pedra nos alicerces d'este monumento, erguido para perpetuar a descoberta da India no proprio logar onde embarcou Vasco da Gama para a sua arrojada empreza. [2]

Torre de S. Vicente de Belem. — Projectou a sua construcção el-rei D. João II, mas coube a el-rei D. Manuel levar o projecto a execução no principio do seu reinado. [3]

Convento de Nossa Senhora da Madre de Deus. — É fundação da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. [4]

[1] Tratâmos d'este convento em outro capitulo do roteiro.
[2] Idem.
[3] Vid. estampa e artigo a pag. 405 do II vol. d'este semanario.
[4] Vid. a gravura e artigo a pag. 303 e 304 d'este vol.

Fonte da Samaritana em Xabregas. — É obra da mesma rainha. [1]

Casa de Vasco da Gama. — Ficava quasi no alto do monte de S. Roque, em parte encostada á muralha da cidade, para o lado de dentro, e proxima da porta do condestavel. Não sobresaía por especie alguma de belleza architectonica, apenas se lhe podia dar o nome de palacio pela sua extensa e alta frontaria com muitas e grandes janellas de sacada no andar nobre, e pela vastidão dos aposentos. Mas se lhe faltava valor artistico, tinha de sobra interesse historico, e ainda hoje o tem a parte que resta d'esse edificio, onde habitou o descobridor da India. No meiado do seculo passado morou n'elle, e ahi morreu em 1754, o primeiro patriarcha de Lisboa D. Thomaz d'Almeida. O terremoto do anno seguinte causou-lhe bastantes estragos. Ha uns vinte e tantos annos foi demolida grande porção da fachada por ameaçar ruina. Existem

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 333 d'este vol.

pois as reliquias d'este edificio no alto da *calçada do Duque*, proximo do largo de S. Roque, e são ainda propriedade do sr. marquez de Niza, descendente e representante de D. Vasco da Gama.

EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA. — O bello portal e as duas grandes janellas da fachada d'este templo, com suas estatuas, columnas, divisas e arabescos de variada invenção, pertenceram outr'ora á sumptuosa egreja da Misericordia, edificada por el-rei D. Manuel desde os alicerces. O terremoto de 1755 destruiu esse grandioso templo de tres naves, de abobadas de laçaria de pedra, sustentadas por vinte columnas. Apenas ficaram illesas a porta travéssa, com as suas duas janellas, que é tudo o que resta da fabrica primitiva, e a capella do Santissimo, de fundação mais moderna, e que estava no corpo da egreja em frente d'aquella porta. Aproveitando-se depois esses restos, fez-se d'elles um novo templo, no qual a antiga capella do Sacramento ficou servindo de capella-mór, e a porta travéssa de porta principal. O que no outro era a largura, é comprimento no actual. Assim que este se acabou, foi entregue aos freires da ordem de Christo em troca de outro, que possuiam na rua dos Prateiros [1], que o terremoto derrocou, e que o novo plano da cidade fez desapparecer. Pela extincção das ordens religiosas esteve para ser vendida a egreja da Conceição Velha, para se edificar um predio no seu logar! Felizmente houve quem se doesse de um tal escandalo, e conseguisse representar ao governo a conservação d'este monumento artistico e historico. Achase na sacristia o grupo de estatuas que representam: Nossa Senhora da Misericordia, el-rei D. Manuel, e a rainha D. Maria, sua segunda mulher, e seus filhos, que estava sobre a porta, e que os freires tiraram em 1813 para fazer n'esse logar uma janella! [2]

CASA DOS BICOS. [3]

COLLEGIO DOS MENINOS ORPHÃOS [4]. — Na rua da Moiraria, no lado oriental, está um edificio todo de cantaria, que ha pouco se via denegrida, e que modernamente foi branqueada. O portal de architectura gothica, e as janellas, posto que no estilo do renascimento, ou classico, tendo alguns versiculos dos psalmos gravados na pedra, mostram bem ser uma antiga construcção. Era o collegio dos Meninos Orphãos, fundado por el-rei D. João III, em 1549, e por diligencias do padre Pedro Domenec, catalão, conego da sé de Barcelona, que vindo a esta cidade aqui ficou por capellão d'aquelle monarcha. Foi instituido para recolher e educar até 30 orphãos do sexo masculino, e completamente desamparados, devendo ser preferidos os naturaes de Lisboa. A instrucção que recebiam era appropriada ao estado ecclesiastico, sendo os alumnos destinados ao serviço da egreja no paiz e nas missões. Determinava o breve da instituição, que os orphãos pedissem esmola para o seu sustento, o que sempre fizeram, mesmo apesar da doação de alguns poucos bens que lhes fez a rainha D. Catharina, mulher do fundador. A invocação do collegio era *Nossa Senhora de Monserrate*, titulo que já havia servido para um estabelecimento d'este genero, fundado pela rainha D. Beatriz, mulher del-rei D. Affonso III. Porém era geralmente chamado collegio de Jesus, nome que tirou de uma confraria, que se veiu estabelecer na sua egreja. Estando o edificio muito arruinado interiormente, el-rei D. José mandou-o reconstruir logo no principio do seu reinado. Concluiram-se as obras em 1754; mas no anno seguinte o grande terremoto causou-lhe bastante estrago, o que logo depois foi reparado. Mais tarde foi convertido em recolhimento de mulheres, e depois, em tempos modernos, sendo transferidas as recolhidas para o convento da extincta ordem dos agostinhos descalços ao Grillo, passou a ser occupado pela Sociedade Pharmaceutica, e ultimamente pela confraria da antiga ermida de Nossa Senhora da Guia, á qual foi dado por se lhe expropriar a dita ermida para a abertura da nova rua em continuação da rua Nova da Palma.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ. — Foi fundado no seculo 16.º no logar em que já existia uma ermida com a mesma invocação. Segundo a lenda, tendo-se livrado milagrosamente Pero Martins do captiveiro em que jazia n'Africa pelos annos de 1463, recolhido á patria, e vivendo em Carnide, d'onde era natural, appareceu-lhe uma imagem de Nossa Senhora, cercada de luz, sobre uma fonte que havia perto do dito logar de Carnide.

Pero Martins, reconhecendo n'aquella imagem a mesma Senhora que no carcere o confortára, e lhe valêra, construiu logo uma ermida junto da fonte, e n'ella recolheu a imagem, a qual intitulou de Nossa Senhora da Luz. Em 1543 deu el-rei D. João III esta ermida aos freires de Christo para alli edificarem um convento. Concorreu para esta obra a infanta D. Maria, irmã d'aquelle soberano, edificando á sua custa em 1575 toda a capella mór da egreja, onde jaz em mausoleu de marmore. A invocação da ermida passou ao convento e á povoação que se foi fundando em volta d'elle.

O terremoto de 1755 arrazou o convento e o templo, menos a capella mór, que ainda não ha muitos annos ostentava a sua magnificencia em bellas columnas e ricos marmores, dos quaes a despojaram modernamente. Junto d'ella está a referida fonte voltada para o sul. Em todo este lado ainda mostra o edificio muitos vestigios da sua antiguidade e grandeza. O que existe do convento é obra da reedificação, projecto vasto e magestoso que não chegou ao andar nobre. Na parte que está feita funccionou por algum tempo a eschola veterinaria, e depois tem servido por vezes de quartel de cavallaria, e deposito da mesma arma.

COLLEGIO MILITAR DA LUZ. — É visinho do convento, e fundação da dita infanta, cujo escudo d'armas avulta na frontaria da capella, que é um templo grande e bem decorado. Foi construido para servir d'hospital para os pobres, com rendas proprias para sua sustentação. No seculo passado ainda se conservava este hospital, que era administrado por dois freires de Christo.

O terremoto de 1755 causou-lhe consideraveis estragos, que ao diante foram reparados. Em 1814 estabeleceu-se n'elle o real collegio militar, que em 1835 passou para o convento de Rilhafolles, em Lisboa, depois para o de Mafra, d'onde ha poucos annos voltou para o edificio da Luz.

EGREJA DO BEATO ANTONIO. — Adiante de Xabregas, e tambem junto ao Tejo, ergue-se no fundo de uma alameda d'arvores annosas este bello templo, com alta fachada de cantaria coroada por duas torres e varias piramides.

Pertenceu outr'ora á congregação de S. João Evan-

[1] Ficava proximo da egreja da Magdalena. Este é que foi a synagoga dos judeos, a qual el-rei D. Manuel purificou e consagrou a Nossa Senhora da Conceição, dando-a aos ditos freires em troca tambem da ermida do Rastello, em que fundou o mosteiro de Belem. Em 1568 erigiu-se n'esta egreja dos freires a parochia de Nossa Senhora da Conceição, e ahi permaneceu até 1682 em que se mudou para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, na qual se conservou até 1699. Transferiu-se n'esse anno para a nova egreja, que se lhe construiu na rua Nova dos Ferros, e que se acabou em 1730. Começou-se então a chamar a esta *Conceiçao Nova*, e á outra que fôra synagoga, *Conceiçao Velha*. O terremoto fez alguns estragos á Conceição Nova, que logo se repararam, e esta egreja parochial lá subsiste no mesmo local, e com o mesmo nome popular. Entrando os freires de Christo na posse do templo edificado com os despojos da egreja da Misericordia, passou com elles para a sua nova casa a invocação popular de — Conceição Velha.

[2] Em outro capitulo do roteiro occupâmo-nos mais circunstanciadamente d'este templo. Os leitores do *Archivo* podem ver as gravuras de frontaria d'elle, e do referido grupo de estatuas, e respectivos artigos, a pag. 33 do II vol.; e 225 do IV vol.

[3] Supprimimos aqui o que d'ella dizemos no roteiro, pois que os nossos leitores acharão no III vol. do *Archivo* uma serie de artigos a esse respeito, do nosso amigo o sr. Silva Tullio.

[4] Vid. a estampa da pag. antecedente.

gelista, cujo convento agora se vê transformado em casas particulares, em fabricas, e armazens. A primeira fundação d'este convento foi obra da rainha D. Isabel, mulher del-rei D. Affonso v. Porém depois teve muitos augmentos e reconstrucções. A egreja actual foi feita desde os alicerces no reinado de D. Sebastião por diligencias do conego Antonio da Conceição, beatificado no seculo passado, e desde então conhecido por *Beato Antonio*, nome que o vulgo ficou dando á egreja, que tinha a invocação de S. Bento de Xabregas, e tambem ao sitio. Estão ligadas a este convento algumas memorias historicas d'aquelle infeliz reinado, pois que el-rei D. Sebastião ia alli muitas vezes visitar e consultar sobre negocios do estado o conego Antonio da Conceição, a quem muito venerava por suas singulares virtudes. Ainda lá se mostra o logâr onde o desditoso rei, nas vesperas da fatal jornada de Africa, se despediu d'elle pedindo-lhe o recommendasse nas suas orações.

O templo, um dos mais vastos e bem construidos de Lisboa, e que resistíra aos impulsos do terremoto, foi desgraçadamente profanado algum tempo depois da extincção das ordens religiosas, e despojado dos seus adornos, e de quanto servia ao culto divino.

Pois além das circunstancias mencionadas, que reclamavam a sua conservação, accrescia mais encerrar as cinzas da infanta D. Catharina, filha del-rei D. Duarte, trasladadas para a capella-mór d'esta egreja, depois que o terremoto de 1755 destruiu o convento de Santo Eloy de Lisboa, onde tinham jazigo. Tambem na capella-mór do Beato Antonio se viam os tumulos dos antigos condes de Linhares, sustentados por elephantes de marmore. Ao lado da egreja ficava o celebre *embrexado do Beato Antonio*, que tanto povo attrahia em certos dias do anno, levados uns da devoção ás capellinhas do santo, outros da curiosidade para admirarem lindos mosaicos de conchas, porcelanas e pedrinhas, e alguns tambem do desejo de gozarem da frescura do logar, abrigado de um lado pela egreja, e dos outros por copadas arvores, e pelos terrenos escarpados da cerca.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 311)

Depois de celebrada a paz com Hespanha, não faltou quem logo murmurasse d'ella, pelas complicações que podia trazer com a França. Achavam-lhe já defeitos e faltas nos plenos poderes, chamando-lhe indigna e fragil. O proprio consul inglez no dia 24, em conversação com o abbade Bani, lhe fizera notar que todos os portuguezes pareciam tristes, e que em nenhum encontrava a alegria que a paz devia dar.

— É porque (respondeu Bani) o embaixador de Inglaterra os illudiu, e não julgam em suas consciencias que esta paz seja tão segura e honrosa como elle lhes persuadia.

Por estes dias circulou por Lisboa uma carta, supposta, de Madrid, ácerca da paz com Hespanha. As idéas, as apreciações, todas de accôrdo com as opiniões do partido francez, pareciam, por isso mesmo, trahir a sua origem. Seria documento fabricado por Saint-Romain? Esta suspeita parece estar auctorisada com a confissão que elle fizera ao seu governo no despacho datado do dia 25 á noite, de que tinha lançado no publico, *por partes*, tudo o que tinha a dizer ácerca do tratado e dos plenos poderes da Hespanha e da Gran-Bretanha, em que elle se fundára.

A tal supposta carta de Madrid, escripta a um prisioneiro em Lisboa, rezava assim:

«Os portuguezes são mais doceis e menos desconfiados e difficeis em negocios de paz, que nos da guerra. Agora conhecemos bem que é pela paz e pelas negociações que podémos vencel-os e conquistal-os. Julgára-se n'esta corte (Madrid) que jámais receberiam em Lisboa negociação para a paz, em quanto os Tres-Estados estivessem reunidos, e não tivessem regulado o regimen interno do reino e estabelecido o novo governo: suppunha-se que em todo o tempo os portuguezes difficilmente faltariam ás obrigações do tratado com a França; e que na extremidade a que a Hespanha estava reduzida pela guerra commum de francezes e portuguezes, nunca estes entrariam em negociações com um prisioneiro de guerra, só auctorisado por uma simples procuração da rainha regente de Hespanha, em nome del-rei menor seu filho, sem mais precaução contra esta menoridade, e sem mais auctorisação para ceder á casa de Bragança o titulo e o reino de Portugal, renunciando aos justos direitos que a este mesmo titulo e a este mesmo reino o sangue e uma posse prolongada tinham dado á casa de Austria. Punha-se em duvida se não se offenderiam de que essa procuração fosse condicional e limitada a quarenta dias de tempo, dos quaes trinta e um tinham já passado, quando lh'a apresentaram com os treze artigos projectados em Salvaterra pelo conde de Castel-melhor, antes da alliança e da guerra de França, artigos reformados aqui em vantagem nossa, nos dois principaes pontos da restituição das praças e dos emigrados: pensava-se, em fim, que os portuguezes, separando-se da França, e não estipulando com Hespanha nenhuma renuncia dos seus direitos sobre Portugal, nem garantia contra a menoridade do nosso rei, quereriam ao menos ter a garantia del-rei de Inglaterra em boa e devida fórma, e considerariam que os plenos poderes do conde de Sandwich eram do mez de fevereiro do anno 1666, não contendo auctorisação especial para prometter essa garantia, nem obrigar sua magestade britannica a romper com Hespanha, e fazer-lhe guerra conjunctamente com Portugal, se aquelle viesse a faltar a este tratado de paz.

«Com estas razões para duvidar da vontade dos portuguezes, quiz o nosso conselho, para tental-os, expor sómente como aventureiros o embaixador de Inglaterra e o marquez de Liche; mas, nada esperando d'esta tentativa, expedíra logo outros poderes em boa fórma ao conde de Peñaranda e ao marquez de la Fuente, que estavam prestes a partir com o nuncio ao primeiro aviso do embaixador inglez, e irem a Lisboa tratar solemnemente da paz com Portugal, e mesmo da de França conjunctamente, se os portuguezes não quizessem fazer a sua particular. Mas graças a Deus, a algumas pistolas (moeda) e promessas de Hespanha, todas estas considerações não embaraçaram nem demoraram um momento os ministros de Portugal, e em quatro conferencias nos fizeram melhor, que em vinte e oito annos de guerra nos tinham feito mal. Salvaram-nos! Para fallar francamente, sem esta paz não teriamos um homem sequer para oppor aos francezes na Catalunha; e n'esta desordem dos nossos negocios nenhum principe haveria que se quizesse juntar comnosco para defesa dos Paizes-Baixos. Era de necessidade consentir n'uma paz commum, e por consequencia abandonar toda a casta de esperança de poder jámais reunir Portugal á nossa monarchia.

«Vós julgaes bem, que não faltaremos a enviar com a maior diligencia a nossa ratificação, para não darmos aos portuguezes tempo de reflectirem sobre o que fizeram, e de se arrependerem d'esta paz, que nos abre os caminhos de reganhar esse reino; caminhos

que a sua alliança com a França nos tinha fechado. Temos ainda um passo a lhes fazer dar, para acabar esta obra e desunil-os da França irreconciliavelmente e sem remedio. Esperâmos conseguil-o pelos mesmos meios e pelos mesmos inglezes e portuguezes de que nos servimos tão felizmente para lhes persuadir esta paz particular. Depois d'isto pensaremos em aproveitar o justo resentimento da França contra Portugal e em nos accommodarmos com ella, de modo que não percâmos uma tão bella occasião de reganhar Portugal, quer de um quer de outro modo. A ruina ou grandeza da nossa monarchia depende d'esta conquista. Para assegural-a resolvem-se aqui dar satisfação a el-rei christianissimo, pelo que toca ás pretenções da rainha sua mulher, a fim de que do seu lado nos dê os auxilios que desejâmos para conquistar Portugal e todas suas dependencias.»

Como Schomberg desejára e pedíra, tinham-se expedido ordens á védoria para o ajuste das contas das tropas francezas. Pois as diligencias do governo para proporcionar navios ás mesmas tropas, tinham sido infructuosas até ao dia 27 de fevereiro, sobre Saint-Romain e sobre o marechal descarregaram o cuidado de os arranjar, para cujos fretes o governo portuguez forneceria o dinheiro necessario. Tambem os agentes francezes os não encontraram em Lisboa; mas sabendo que em Faro havia sete ou oito fragatas de Saint-Maló, expediram para alli, na manhã do mesmo dia 27, o francez Benard, para dizer aos seus capitães, da parte del-rei christianissimo, que viessem á ribeira do Tejo, sendo intenção de Schomberg embarcar n'ellas toda a sua infanteria. Sabendo pelos negociantes, que em França havia falta de navios, n'estas fragatas, que eram todas de força, poderiam fazer viagem com não menos segurança que nos navios do rei. Faltos de instrucções para a situação em que estavam, o abbade e o marechal preoccupavam-se muito com a escolha do ponto de desembarque, e se não recebessem a tempo ordens do seu governo a tal respeito, pensavam em mandar desembarcar as tropas na Rochella, remettendo-as a du Terron.

Afóra aquellas fragatas que estavam no Algarve, e já carregadas, de modo que só poderiam levar a infanteria, não havia em todas as costas de Portugal um só navio que podesse servir a transportar a cavallaria franceza. Se apparecessem embarcações proprias para isso, propunham-se os agentes francezes aproveital-as, e em tal caso tentariam obter para seu comboio ao menos uma fragata de guerra portugueza. Entretanto tudo isto era incerto, e continuavam a crer e instar para França pela expedição de fustas e conserva de alguns navios de guerra, para transporte de cavallos e cavalleiros.

No dia 7 de março, com o regresso a Lisboa de Benard, perderam todas as esperanças fundadas até alli nos navios que estavam em Faro. Pelas razões que elle expoz n'uma memoria, esses vasos nem a infanteria poderiam receber. De Portugal ficavam de todo desenganados. Em ultima instancia só havia appellar para o governo francez.

A este tempo o negocio do casamento da rainha com o infante parecia apresentar melhor aspecto. Todos os dominicos e jesuitas de Lisboa haviam subscripto um livro que sustentava que a dispensa do papa não era para elle necessaria. O conde da Torre, o secretario de estado e até o duque de Cadaval, depois de ouvirem o abbade Bani reflexionar sobre a necessidade de fazer o casamento, antes mesmo de mandar a Roma pedir dispensa; e sobre o perigo e inconvenientes a que expunham este negocio se procedessem de outro modo; chegaram a mostrar-se dispostos a seguir este parecer. O secretario acrescentára mesmo, que era absolutamente necessario conformarem-se com elle. Se o casamento viesse a conseguir-se assim, grande fôra o serviço que o partido francez, por meio do esperto abbade Bani tinha feito á rainha, porque a opinião geral, e até a d'aquelles tres ministros, fôra que se mandasse a Roma, não fazendo o casamento sem que a dispensa chegasse. A pedido de Saint-Romain, Bani prometteu escrever uma relação circunstanciada para ser enviada ao governo francez, dos meios por que a sua opinião se mostrava triumphante. Se a fez não podémos encontral-a.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

44.°

Ha quem tenha escrupulo de empregar nas phrases negativas com restricção, o conjunctivo *que* em vez de *senão*, por que alguem escreveu que era gallicismo.

Esta asserção, porém, não é exacta.

A substituição do *que* por *senão*, nas phrases em que o segundo membro restringe a negação do primeiro, tomaram acaso os nossos classicos do italiano, e não do francez, porque n'aquelle idioma é frequente similhante construcção. Basta um exemplo:

Non aveva l'oste *che* una cameretta assai piccola. — *Boccaccio*. — Giornata 7. n. 9.

O mesmo os hespanhoes: No puede producir otro efecto *que* risa ou fastidio. — *Quintana*. — Musa Ep. pag. 39.

Agora adduziremos alguns exemplos de auctores classicos portuguezes.

Dizem que não tem (as pyramides do Egypto) nada de grande *que* a vaidade dos seus inventores. — *Bluteau*. — Prosas. t. I. pag. 54.

A lei de Deus, que vós professaes, e promettestes no baptismo guardar, não é outra coisa *que* lei de santos, pois é conservar a graça santificante por meio da observancia inteira dos seus preceitos. — *Bernardes*. — Florestas. t. II. pag. 56.

Para mim não quero outro prégador *que* o sr. Anselmo. — *Martim Affonso de Miranda*. — Tempo de Agora. t. II. dial. 3.

Todo o Decálogo, bem considerado, não é outra coisa *que* a lei natural. — *Bluteau*. — Prosas. t. I.

As vossas coisas não tem outro mal, pera os leitores mordaces, *que* serem verdadeiras.—*Garcia D'orta*. — Coll. pag. 20.

Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, não quer dizer outra coisa *que* bons christãos. — *Bernardes*. — Florestas. t. II. pag. 57.

Não querendo (um missionario) outra paga *que* a obrigação em que todos lhe ficavam. — *Noticias do reino da Conchinchina*. pag. 152.

— A sciencia nenhuma outra coisa é *que* o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os principios, e outras que d'ellas se seguem, que são as conclusões.

— Não sabes, filho, dizia Antigono, que o nosso reino, e o reinar, não é outra coisa *que* um captiveiro honrado?

— Grandes exemplos viu a nossa edade d'estas batalhas de entendimento; e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra *que* o amor natural ou parcial, bebido com o leite da primeira doutrina, e a honra e a reputação da propria eschola.

Estes ultimos exemplos são de Vieira.

Com tantas e taes auctoridades, parece-nos que ninguem ousará taxar de gallicismo este emprego da conjuncção *que* em logar da condicional *senão*.

Tem esta syntaxe o predicado de dar melhor euphonia ao periodo, por evitar que se repita, no segundo membro ou inciso da phrase, a syllaba *não*.